

## O BRINCAR EM TEMPOS DE PANDEMIA DA COVID-19: REFLEXÕES SOB A PERSPECTIVA DA TERAPIA OCUPACIONAL

Playing in Covid-19 pandemic times: reflections from the occupational therapy perspective

Jugar en tiempos de pandemia Covid-19: reflexiones desde la perspectiva de la terapia ocupacional

Luzia Iara Pfeifer 

<https://orcid.org/0000-0002-1826-1968>

Universidade Federal de São Carlos.  
Departamento de Terapia Ocupacional. São Carlos, SP, Brasil.

Maria Madalena Moraes Sant'Anna 

<https://orcid.org/0000-0002-3446-3455>

Programa de Pós-graduação Lato Sensu em Terapia Ocupacional, Faculdade Método de São Paulo, São Paulo, Brasil.

---

Pfeifer, L. I. & Sant'Anna, M.M.M. (2022). O brincar em tempos de pandemia da covid-19: reflexões sob a perspectiva da terapia ocupacional. Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup. 6(1), 834-844. DOI: 10.47222/2526-3544.rbto41994

---

### Resumo

**Objetivo:** refletir sobre as ações da terapia ocupacional sustentadas nas ocupações e na construção de vivências lúdicas que garantam o desenvolvimento das habilidades de acordo com as competências reais de cada criança e das necessidades de cada família. **Síntese:** A COVID-19 tem causado um forte impacto nas ocupações humanas, portanto, o brincar deve ser revisto na perspectiva do contexto domiciliar, onde rotinas e hábitos foram alterados, influenciando diretamente nos espaços e disponibilidades para momentos lúdicos acontecerem no dia a dia das crianças. **Conclusão:** rotinas e hábitos instáveis das crianças, devido à pandemia da COVID-19, podem desencadear a diminuição de momentos lúdicos.

**Palavras-chave:** Pré-escolar. Atividades cotidianas. Isolamento social.

### Abstract

**Aims:** to reflect on the actions of occupational therapy sustained in occupations and the construction of playful experiences that guarantee the development of skills according to each child's real skills and the needs of each family. **Synthesis:** The COVID-19 has had a substantial impact on human occupations, so should review playing from the home context perspective, where routines and habits have been changed, because it depends on the characteristics, pattern and performance skills of each child. **Conclusion:** children's unstable routines and habits due to the pandemic of COVID-19 can reduce playful moments.

**Keywords:** Preschool. Activities of daily living. Activities. Social isolation.

### Resumen

**Objetivo:** reflexionar sobre acciones de terapia ocupacional basadas en ocupaciones y la construcción de experiencias lúdicas que garanticen el desarrollo de habilidades de acuerdo a las habilidades reales de cada niño y familia. **Síntesis:** COVID-19 ha tenido fuerte impacto en las ocupaciones humanas, así el juego debe revisarse desde la perspectiva del contexto familiar, donde se han cambiados rutinas y hábitos, ya que depende de las características, patrón y habilidades de desempeño de cada niño. **Conclusión:** las rutinas y hábitos inestables de los niños, debido a la pandemia de COVID-19, pueden desencadenar la reducción de los momentos lúdicos.

**Palabras clave:** Preescolar. Actividades cotidianas. Aislamiento social.

## 1.Introdução

Em função do distanciamento social, ocorrido diante da pandemia da COVID-19, diversas atividades acadêmicas, clínicas e de formação foram suspensas e outras foram desenvolvidas em ambientes virtuais por diversas instituições universitárias, grupos de pesquisa, clínicas, entre outros, para discutir o impacto deste contexto no cotidiano das crianças e seus familiares. Assim, pensar o brincar na perspectiva de um contexto domiciliar, onde todos têm de preservar sua rotina e seus hábitos, é o desafio que se apresenta aos terapeutas ocupacionais para colaborar com as famílias para manter esta ocupação/atividade prioritária da infância. Desta forma, esse estudo propõe um resgate nos conceitos sobre o brincar na infância e o impacto dele no cotidiano das crianças pré-escolares durante o período da COVID-19.

## 2. O Brincar

As ocupações humanas são ações realizadas no cotidiano, que apresentam propósitos e significados na vida das pessoas. A Terapia Ocupacional tem por objetivo favorecer que as pessoas realizem suas ocupações com melhor desempenho e participação em sua vida cotidiana (American Occupational Therapy Association [AOTA], 2020).

Dentre os domínios da Terapia Ocupacional, destacam-se as ocupações que podem ser classificadas em Atividades de Vida Diária (AVDs), Atividades Instrumentais de Vida Diária (AIVDs), Gestão de Saúde, Descanso e Sono, Educação, Trabalho, Brincar, Lazer e Participação social. Essas ocupações são influenciadas pelos Fatores do Cliente (valores, crenças e espiritualidade, funções corporais, estruturas corporais); pelas Habilidades de Desempenho (motor, de processo e de interação social); pelos Contextos (fatores ambientais e fatores pessoais) nos quais o sujeito está inserido; e pelos Padrões de desempenho (hábitos, rotinas, papéis e rituais). Já o processo de Terapia Ocupacional ocorre por meio do uso terapêutico de ocupações na vida cotidiana e envolve as etapas de avaliação, intervenção e desfecho, com metas para que o sujeito alcance saúde, bem-estar e participação na vida, por meio de um engajamento ocupacional (AOTA, 2020).

Pensando em crianças, principalmente na idade pré-escolar, o brincar é a ocupação mais significativa e fundamental. Ao brincar, a criança desenvolve e adquire diversas habilidades, capacidades e competências (Pfeifer & Stagnitti, 2020; Sant'Anna & Ferland, 2020); além do mais, quando bem engajada nesta ocupação, ela se sente feliz, pois ocorre a liberação de dopamina e a diminuição dos índices de cortisol (Gaskill & Pery, 2014). A privação de experiências e vivências no brincar pode provocar atrasos no desenvolvimento e os terapeutas ocupacionais devem possibilitar que a criança adquira essas habilidades, capacidades e competências, favorecendo um engajamento na ocupação do brincar (Pfeifer & Stagnitti, 2020; Sant'Anna & Ferland, 2020). Sendo o brincar algo tão prazeroso e significativo, por quê algumas crianças não brincam? Crianças com alteração no engajamento ocupacional do brincar são, muitas vezes, encaminhadas à terapia e cabe ao terapeuta ocupacional realizar a avaliação, identificar

o que está impactando este brincar e pensar em estratégias e/ou adaptações para que a criança possa se envolver prazerosamente nesta ocupação.

É fundamental que o terapeuta ocupacional que atua na área da infância tenha um conhecimento prévio sobre a taxinomia do brincar: por exemplo, de 2 a 12 meses, elas exploram o mundo tocando, mordendo, provando, batendo a mão em seu corpo e depois nos objetos. De 12 a 18 meses, gostam de brincadeiras motoras globais (ficar em pé, empurrar, sentar-se em cima de coisas, trepar, imitar ações motoras domésticas). De 18 a 24 meses, começam a interagir mais diretamente com os objetos, empilham, constroem, agrupam elementos para brincar e usam objetos da maneira como devem ser usados. A partir dos 2 anos, usam miniaturas para brincar, mimetizando adequadamente as ações. Em seguida, brincam com os objetos, transformando-os em outras coisas (denominado de substituição do objeto) e, finalmente, brincam com objetos ausentes: dá o dinheiro, mas ele não existe, faz somente o movimento de pagar a compra. Aos 4 anos, já conseguem atribuir papéis e emoções, não só a si mesmas, mas também aos objetos. O faz de conta apresenta temas mais complexos, em que interpreta papéis (dentista, médico/a, professor/a), dá características aos objetos, finge que está bebendo leite e que este está quente. Aos 5 anos, ao brincar de faz de conta, cria temas e subtemas: brinca de casinha, mas, de repente, a boneca (filhinha) fica doente e precisa ser levada ao médico. Brincam sozinhas, mas também brincam com outras crianças (Ferland, 2006; Piaget, 1962 como citado em Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Paralelamente, refletimos também sobre os aspectos sociais das brincadeiras. No primeiro mês de vida, os bebês são observadores, com interesse ativo e rápido (1 a 2 minutos) por pessoas ou objetos; dos 2 aos 6 meses, começam a interagir com pessoas (com as ações sociais dos adultos: é a etapa da brincadeira do cadê? Achou) e a manipular objetos, se divertem com isso, mas brincam sozinhas; dos 7 aos 18 meses, a brincadeira ainda é solitária, imitam ações, gestos e expressões faciais (em geral do adulto), observando tudo ao redor; dos 18 os 24 meses, são espectadores, observam outras crianças brincando e conversando entre si; aos 2 anos, brincam ao lado de outras crianças, iniciam brincadeiras paralelas; aos 3 anos, começam as brincadeiras associativas, usam os mesmos materiais das outras crianças, mas, de modo geral, ainda se envolvem em seus próprios comportamentos de brincadeira; e somente aos 4 anos é que começam as brincadeiras cooperativas e compartilhadas, agindo junto com outras crianças e com o mesmo propósito (Ferland, 2006; Partin, 1932 como citado em Pfeifer & Stagnitti, 2020).

O engajamento ocupacional no brincar é influenciado pelos valores, crenças e espiritualidade da família da criança, que estão relacionados na escolha das brincadeiras, direcionando o que se pode ou não brincar. Algumas crianças podem se ver tolhidas de fazerem barulho, de brincarem de boneca ou de futebol, dependendo do gênero. Do mesmo modo, funções e estruturas corporais podem ser facilitadoras ou limitantes, pois algumas crianças são mais ágeis e brincam com facilidade de determinadas brincadeiras, enquanto algumas deficiências podem limitar esse brincar (AOTA, 2020; Ferland, 2006).

Além disso, quando pensamos no brincar, devemos considerar três aspectos: do que a criança brinca (quais os tipos de brincadeiras, quais as habilidades necessárias para essa participação e quais

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 6(1), 834-844, 2022.

habilidades são desenvolvidas ao brincar), com quem a criança brinca (quem são os parceiros da brincadeira, quais as interações sociais) e, também, onde ela brinca (quais são os espaços de brincadeira).

Em relação às habilidades de desempenho, as crianças, ao se engajarem em brincadeiras que envolvem características sensório-motoras, tais como brincadeiras com sons, com água, com texturas diferentes (tanque de areia, pintura a dedos, massinha de modelar, argila, geleca), vão ampliando o contato com a diversidade de estímulos e desenvolvendo os aspectos do processamento sensorial. Quanto à socialização, a criança pode brincar sozinha ou com outras crianças, irmãos, pais/cuidadores. Essas brincadeiras podem acontecer no quintal, na rua, na praça, na escola ou dentro de casa (Ferland, 2006; Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Ao realizar brincadeiras com tesoura, pequenos objetos, Lego®, Pequeno Engenheiro®, jogo de cartas, origamis, desenhos, quebra-cabeças, Lince®, liga-pontos, Pula pirata®, a criança desenvolve e aprimora as habilidades motoras finas e/ou viso-motoras. As crianças brincam sozinhas, com outras crianças, com os pais/cuidadores e, de modo geral, o fazem em ambientes internos, no chão ou sobre a mesa (Latodin, 2021a, 2021b; Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Ao brincar com jogos de memória, de tabuleiros, com regras e cooperativos, são estimuladas as habilidades cognitivas e de interação social, pois os participantes precisam esperar a vez do outro e respeitar as regras dos jogos. Estes acontecem em pares ou em grupos e são jogados normalmente em ambientes internos, no chão, ou sobre a mesa. Já as brincadeiras de rua, como pega-pega, esconde-esconde, amarelinha, dentre tantas, além de desenvolverem e aprimorarem as habilidades motoras globais, são realizadas coletivamente e, portanto, permitem o desenvolvimento de habilidades sociais, já que são necessários o respeito às regras (muitas vezes elas são montadas pelo grupo) e a cooperação no trabalho conjunto. Além disso, sabem que, quando as regras não são obedecidas, terão perdas. Essas brincadeiras ocorrem quase sempre com um bom número de crianças e em espaços amplos e externos (Latodin, 2021a, 2021b; Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Também é importante fortalecer as habilidades de interpretação por meio de contação de histórias. Este é um momento de importante cumplicidade entre a criança e o contador, uma viagem em seu mundo imaginário. Teatrinhos, fantoches e brincadeiras cantadas (cantigas de roda, parlenda, trava-língua), podem ter como parceiros outras crianças, pais/cuidadores e podem ser feitos em ambientes internos ou externos (Ferland, 2006). Ao brincar de faz de conta, a criança engloba todos os componentes anteriormente citados e assume diversos papéis, como professor(a), médico(a), astronauta, super-herói; brinca de casinha e escolinha; e usa objetos substitutivos (caixa de papelão como um carro, papel como ingresso de cinema, bloco de madeira como celular). Ela pode brincar sozinha, com outras crianças, pais/cuidadores, ou com seus bichinhos de pelúcia/bonecas/bonecos e em ambientes internos e externos, mas não muito amplos (Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Desta forma, o engajamento ocupacional no brincar vai depender das características individuais de cada criança, dos fatores pessoais (idade, gênero, motivação); se este brincar está sendo incorporado ao padrão de desempenho desta criança, fazendo parte de sua rotina, sendo um hábito prazeroso e fortalecendo seu papel ocupacional de brincante; se as habilidades de desempenho da criança estão favorecendo e sendo favorecidas por esse brincar; e se os fatores ambientais (materiais/brinquedos, espaços para brincadeira, parceiros de brincadeiras) estão sendo facilitadores ou barreiras para tal (AOTA, 2020; Pfeifer & Stagnitti, 2020).

### **3. A pandemia da COVID-19 e o impacto no brincar**

O contexto de pandemia que estamos vivendo há mais de um ano tem causado um forte impacto nas ocupações humanas. Devido ao alto contágio, medidas de saúde pública foram implementadas. Dentre elas, destacam-se a higiene frequente das mãos, o uso obrigatório de máscaras e o isolamento e o distanciamento social (Ministério da Saúde, 2020), causando um impacto real nas ocupações humanas em diferentes contextos e nos padrões de desempenho, já que estabelecemos novas rotinas, novos hábitos.

Esse período tem sido de insegurança e medo; com a restrição ao acesso escolar e aos espaços de lazer, automaticamente, as crianças têm um afastamento dos amigos e de seus pares. Além disso, o estabelecimento de uma rigorosa higiene dos ambientes e dos brinquedos impactou diretamente o brincar. E as crianças ficam se perguntando: Por que não posso mais ir à escola e ao parque? Com quem eu vou brincar? Se meus pais estão em casa, por quê não brincam comigo? Por que todos usam máscaras? (Neuroposturando, 2020).

Antes da pandemia, preferencialmente, as brincadeiras das crianças brasileiras de famílias de baixa renda aconteciam na rua, já as de classe média brincavam dentro de casa e no quintal, entretanto, todas citam a escola como um importante espaço de brincadeira, tendo como parceiros os colegas da escola, irmãos, mãe e vizinhos (Mattos et al., 2011). A pandemia alterou o brincar. Sá et al. (2020) desenvolveram um estudo, junto a 816 crianças brasileiras até 13 anos, e identificou-se que a maioria reside em apartamentos ou casa sem espaços externos, ocasionando uma diminuição das atividades físicas, do brincar com e sem atividades físicas e o aumento do tempo gasto em brincadeiras mediadas pelas telas. Já o estudo de Betti (2020) sobre a influência do distanciamento social no período da pandemia do COVID-19 na participação de crianças de 4 a 6 anos em suas ocupações aponta forte impacto no brincar, além de acarretar uma sobrecarga materna.

O distanciamento social e a intensificação dos hábitos de higiene afetaram diretamente o brincar das crianças, estabelecendo alterações nas rotinas, restrições de parceiros e de contextos nos quais se desenvolvem as atividades. As consequências dessas restrições podem ser sérias, com impacto no desenvolvimento infantil. Nós, terapeutas ocupacionais, precisamos compreender os contextos em que estas crianças estão inseridas, os tipos de brincadeiras, a taxinomia do brincar e as habilidades esperadas para cada faixa etária. Devemos lembrar que o brincar é uma ocupação prioritária, sendo assim, é

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 6(1), 834-844, 2022.

importante estabelecer novas rotinas, em que a brincadeira esteja presente, para que as crianças tenham menos perdas em seu desenvolvimento, sobretudo as crianças em idade pré-escolar.

#### **4. Contribuições da Terapia Ocupacional no contexto de pandemia**

O contexto de pandemia tem desencadeado diversas reações, como solidão, tédio, medo de contrair a doença, ansiedade, estresse e pânico, não só nos adultos, mas nas crianças também (National Child Traumatic Stress Network, 2020).

Nosso papel enquanto terapeuta ocupacional é garantir à criança vivências lúdicas e auxiliar, juntamente com os pais, na organização das novas rotinas e hábitos, tentando garantir a brincadeira e os parceiros que ela possa ter, com a maior segurança possível (Neuroposturando, 2020). O brincar pode ser considerado uma ocupação (fim) e uma estratégia (meio) de enfrentamento desta situação pandêmica (Latodin, 2021a, 2021b). Devemos possibilitar ações que permitam manter as brincadeiras nessa nova rotina, fortalecer o uso de máscaras e a higiene de mãos nos momentos lúdicos e definir quem serão os parceiros e como poderão brincar, para que haja o menor risco possível de contaminação (Efeito Inclusão Escolar, 2020). Além de auxiliar as famílias e as crianças a projetar soluções para os desafios da vida cotidiana, pois as rotinas e a participação em atividades significativas são importantes para o bem-estar mental e físico durante a pandemia (AOTA, 2020).

Por exemplo, a partir da história *When all the toys got sick: explaining a pandemic to a 2 year old* (Stagnitti, 2020), foi realizada uma sessão de terapia ocupacional com uma criança de 4 anos com desenvolvimento atípico, que precisava adquirir hábitos de uso da máscara para voltar à escola. Na sessão, todos os brinquedos precisavam usar a máscara para poder brincar na sala de terapia ocupacional. A criança foi se envolvendo, ajudou a colocar as máscaras nos brinquedos, colocou em si mesma e permaneceu com ela durante toda a brincadeira. Este hábito foi investido na casa e nas terapias subsequentes, tendo como resultado a permanência por mais tempo com a máscara, passando a fazer parte da rotina da criança.

Devemos ter claros os padrões de desempenho de cada criança e suas singularidades. Saber como está o hábito de brincar, se realiza diversas brincadeiras, se tem papel de brincante, como seus rituais são construídos e se estas ações fazem parte de sua rotina. Após a avaliação, é possível identificar qual o foco da intervenção, sendo que o brincar passa a ser não apenas um meio de intervenção, mas um fim em si mesmo (Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Desta forma, focando na prioridade de garantir que o brincar -como meio e como fim- aconteça, podemos intervir fazendo uso de avaliações e abordagens que identifiquem as lacunas e promovam o brincar no período pré-escolar (Pfeifer & Stagnitti, 2020; Sant'Anna & Ferland, 2020). Para subsidiar nossas intervenções de terapia ocupacional com foco no brincar, já existem, adaptados culturalmente em nosso País, instrumentos para avaliar o comportamento lúdico, como a Avaliação do Comportamento Lúdico e a Entrevista Inicial com os Pais do Modelo Lúdico (Sant'Anna, 2015); a Escala Lúdica pré-escolar de

Knox-revisada (Sposito et al., 2019); e a avaliação do brincar de faz de conta iniciada pela criança - ChIPPA (Pfeifer et al., 2011). A interpretação dos resultados destas avaliações colabora na estruturação do raciocínio clínico, possibilitando o desenvolvimento de intervenções efetivas com foco na ocupação do brincar adequada às necessidades de cada criança. Neste sentido, existem duas abordagens de intervenção, utilizadas na clínica de terapia ocupacional, com enfoque no brincar: o Modelo Lúdico (Sant'Anna & Ferland, 2020) e Learn to Play (Pfeifer & Stagnitti, 2020).

O Modelo Lúdico busca intervir de uma forma global para que a criança alcance as etapas do comportamento lúdico que envolvem a ação, o interesse e a atitude. A criança é a arquiteta de sua terapia, por isso, partimos buscando seu desejo lúdico e os objetos que a atraem para compormos as etapas da terapia, que acontece pela atividade do brincar. Tem foco no brincar como um fim, buscando o prazer da ação e a capacidade de agir, levando a criança a alcançar a autonomia e bem-estar esperados na idade pré-escolar e garantir que ela brinque em seu dia a dia (Sant'Anna & Ferland, 2020).

A Terapia *Learn to Play* propõe intervir para que a criança comece a realizar o brincar de faz de conta espontaneamente. É uma proposta dinâmica, interativa, com o envolvimento dos pais nas sessões, que busca facilitar o desenvolvimento da habilidade da criança de auto iniciar, envolver-se e manter a brincadeira de faz de conta, realizando ações elaboradas, com sequenciamento lógico, substituindo objetos, desenvolvendo a interação social, realizando a dramatização (interpretando um papel) e brincando de maneira descentralizada (o boneco/bichinho de pelúcia "ganha vida", tem suas atribuições e características durante a brincadeira) (Pfeifer & Stagnitti, 2020). Desta forma, o papel do terapeuta ocupacional é o de motivar o desenvolvimento destas habilidades para a criança conseguir brincar, inicialmente, estimulando-a a imitar o terapeuta e, em seguida, facilitando que ela inicie sua própria brincadeira (Latodin, 2021a, 2021b; Pfeifer, & Stagnitti, 2020; Sant'Anna & Ferland, 2020).

Envolver-se com as crianças no brincar para facilitar o aumento das suas capacidades exige várias competências por parte da terapeuta. As crianças que têm dificuldade ou que não conseguem brincar normalmente não entendem o comportamento de brincar e o terapeuta ocupacional tem que gostar e ter prazer na brincadeira, usando sua voz, sua face e o movimento do corpo de forma lúdica quando se envolve com a criança (Ferland, 2006; Stagnitti, 2021).

Entendemos o momento de brincar como uma ocupação/atividade em que a motivação intrínseca, o prazer e a atitude lúdica devem estar presentes e interligados, e será representada por uma ação livre e espontânea (Ferland, 2006). Conhecer a evolução do comportamento lúdico de cada criança, a partir de sua idade e/ou por etapas do comportamento lúdico, possibilita-nos entender e organizar as rotinas lúdicas das crianças pré-escolares (Ferland, 2006; Pfeifer & Stagnitti, 2020).

Além disso, devemos conhecer a perspectiva dos pais. Segundo Ferland (2009), três perguntas são fundamentais: entre as brincadeiras que seu filho quer realizar, qual delas é desagradável ou difícil, tanto para você quanto para ele? Sobre as brincadeiras que você gosta de fazer com seu filho, em quais delas ele atua bem? Entre as brincadeiras que você gosta de ver outras crianças desempenharem, quais

Rev. Interinst. Bras. Ter. Ocup., 6(1), 834-844, 2022.

delas você gostaria de oferecer a seu filho e quais acha que parecem impossíveis de realizar? Outro aspecto a ser considerado é o papel dos pais no brincar de seus filhos. Podemos auxiliá-los na redescoberta de suas brincadeiras de infância. Quando trabalhamos com o brincar com algumas crianças, mesmo antes da pandemia, muitos pais não reconheciam a função do brincar e não conseguiam brincar, pois, às vezes, não vivenciaram este brincar na infância (Latodin, 2021a, 2021b). Obter um bom diagnóstico do repertório que estes pais têm sobre brincar é fundamental.

Precisamos ter flexibilidade e fazer certas adaptações nas brincadeiras, minimizando as regras, para que crianças de diferentes idades possam brincar juntas. A negociação no grupo é fundamental, além de uma análise das brincadeiras a serem usadas. O conhecimento das habilidades individuais de cada criança é a prioridade para uma brincadeira alcançar suas metas, que são o prazer e uma atitude lúdica (Latodin, 2021a, 2021b).

Sabemos que, na rotina dos pais no trabalho remoto, foi preciso desenvolver estratégias, para adequação do tempo e espaço de cada atividade, pois, para muitas famílias, a pandemia trouxe uma sobrecarga, em função das alterações que precisaram ser implantadas (Efeito Inclusão Escolar, 2020). Devemos tentar fazer uma parceria com os pais, trabalhando a partir da problemática, de modo a estabelecer um diálogo e tentar identificar os recursos que têm para estruturar uma nova rotina. Às vezes, incluir a criança nas rotinas diárias pode ser o início dessa elaboração. Por exemplo, na idade pré-escolar, pedir sua participação nas atividades de guardar roupas, organizar os brinquedos. E, a partir dessas rotinas, ir construindo as brincadeiras, pois o parceiro adulto é diferente do parceiro criança (Latodin, 2021a, 2021b).

Podemos orientar os pais no desenvolvimento de hábitos e rotinas saudáveis das crianças, que reservem um tempo para brincar com seus filhos, realizando atividades divertidas e significativas, de acordo com seus valores familiares e culturais. A rotina conjunta pode ser divertida, estabelecendo papéis para todos na organização e nos cuidados com a casa.

Sabemos, então, que garantir espaço e materiais para a criança brincar em casa e identificar como os pais usam estes espaços é fundamental. Eles devem permitir que a criança possa se movimentar livremente, sentar-se e brincar de se esconder, que possa brincar com o corpo e com os movimentos: correr, saltar, mergulhar, trepar, rebolar, balançar, deslizar, lutar e, também, relaxar, ouvir histórias (Ferland, 2009).

Nestes espaços, temos necessidades de materiais e objetos específicos, por exemplo: naturais, como folhas, terra, pedras, água; triciclos; e fantasias para interpretar papéis, como chapéus, roupas, pentes, maquiagem, entre outras. Também, materiais para brincadeiras simbólicas são importantes, como caixa de papelão, potes plásticos, tubos, baldes, almofadas, materiais não convencionais que possam ser transformados, para que a criança possa usar a imaginação (Ferland, 2006; Stagnitti, 2021). Estes espaços devem ser garantidos nesse período de COVID-19 e, quando possível, que esses pais possam ser mediadores e que possibilitem uma graduação de assistência para ampliar a participação da criança.

O cuidado no uso de telas (tv, computadores, smartphones) deve ser constante, já que o uso destas tecnologias restringe a experiência de interações sociais e a convivência e respeito às diferenças. Embora a “tela” possa ser valiosa ferramenta para fins educacionais e para manter o contato com família e amigos, não pode ser a única maneira de os pais vencerem o desafio de trabalhar em casa e atender às necessidades específicas de seus filhos neste período. É possível, por exemplo, a introdução de um livro de história com os mesmos personagens do jogo da tela pelo qual a criança se interessou, tentando minimizar o nível de assistência para aumentar a participação da criança (Latodin, 2021a, 2021b).

O faz de conta é uma estratégia de comunicação de sentimento e de entendimento, pois, nesse momento, a criança recria e compreende emocionalmente seu mundo, apresenta e desenvolve seu pensamento mais abstrato (Stagnitti, 2021). Por meio do faz de conta, a criança pode falar dos seus medos e de suas perdas. Neste convívio, conhecer a evolução do faz de conta faz diferença. Aos 12 meses, o faz de conta já está começando, a criança inicia a imitação do adulto. Aos 2 anos, ele é convencional/concreto, com miniaturas e objetos bem estruturados, por exemplo, a maleta com brinquedos de uso médico tem significado na ação direta com seu corpo. A criança vai usar o estetoscópio para ouvir o coração da mãe, do pai e, na sequência, de sua boneca. Já aos 4 anos, os brinquedos são transformados, ampliam-se, usa objetos simbólicos, as narrativas são complexas, a brincadeira simbólica está totalmente instalada (Pfeifer & Stagnitti, 2020)

## 5. Considerações finais

Reconhecemos o brincar como a principal ocupação infantil e, também, como meio para o desenvolvimento de habilidades motoras, emocionais, cognitivas e sociais. No atual momento, destaca-se também a importância de o terapeuta ocupacional utilizar o brincar como estratégia de enfrentamento do impacto que a pandemia da COVID-19 tem ocasionado na vida das crianças e seus familiares, propondo intervenções eficazes, de modo que eles possam alcançar autonomia e bem-estar.

Nesse momento em que vivemos rotinas e hábitos instáveis, podemos intervir junto às famílias para introduzir momentos lúdicos nesse cotidiano. Precisamos construir estratégias, juntamente com os pais e cuidadores, que garantam o desenvolvimento das habilidades lúdicas das crianças, a partir das necessidades de cada família. Esta é uma forma de fortalecer nossas ações terapêuticas, sustentadas nas ocupações e na construção de vivências lúdicas, de acordo com as competências reais de cada criança dentro de cada contexto familiar.

## Referências

American Occupational Therapy Association (2020). Occupational therapy practice framework: domain and process. *The American Journal of Occupational Therapy*, 74(2).  
<http://dx.doi.org/10.5014/ajot.2020.74S2001>

Betti, A. C. M. (2020). *Ocupações infantis durante o período de distanciamento social na pandemia: a percepção das mães* [Dissertação de mestrado, Universidade Federal de São Carlos].

<https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14118/OCUPA%c3%87%c3%95ES%20INFANTIS%20E%20PANDEMIA%20DA%20COVID->

[19\\_%20A%20PERCEP%c3%87%c3%83O%20DAS%20M%c3%83ES.docx.pdf?sequence=4&isAllowed=y](https://repositorio.ufscar.br/bitstream/handle/ufscar/14118/OCUPA%c3%87%c3%95ES%20INFANTIS%20E%20PANDEMIA%20DA%20COVID-19_%20A%20PERCEP%c3%87%c3%83O%20DAS%20M%c3%83ES.docx.pdf?sequence=4&isAllowed=y)

Efeito Inclusão Escolar [@efeitoinclusao]. *O brincar da criança com deficiência* [Vídeo]. Instagram.

Recuperado em 12 de outubro de 2020, In

<https://www.instagram.com/tv/CGQZCaRFWxD/?igshid=1i0nupm84ye4v>

Ferland, F. (2006). *O modelo lúdico: o brincar, a criança com deficiência física e a terapia ocupacional* (3a ed., M. M. M. Sant'Anna, Trad.). Editora Roca.

Ferland, F. (2009). *Além da deficiência física ou intelectual: um filho a ser descoberto* (M. M. M. Sant'Anna, Trad.). Midiograf.

Gaskill, R. L., & Perry, B. D. (2014). The neurobiological power of play – using the neurosequential model of therapeutics to guide play in the healing process. In C. A. Malchiodi, & D. A. Crenshaw, *Creative arts and play therapy for attachment problems*. (pp. 178-194). Guilford.

Latodin [@latodin.ifrj]. (2021a, Janeiro 19). *Parte 1: OIEE LATODIn's*, [Vídeo]. Instagram. Recuperado em 9 de dezembro de 2020, In <https://www.instagram.com/tv/CKO1CDqleAK/?igshid=jhjmc68nykk3>

Latodin [@latodin.ifrj]. (2021b, Janeiro 19). *Parte 2: OIEE LATODIn's* [Vídeo]. Instagram. Recuperado em 9 de dezembro de 2020, In <https://www.instagram.com/tv/CKO2KFFlwAk/?igshid=1rmsjk339cgwn>

Mattos, F. F., Pfeifer, L. I., Masalskas, E., Falchetti, F., & Panuncio-Pinto, M. P. (2011, Outubro, 11-14). Influência socioeconômica na escolha dos locais de brincadeira de crianças escolares [Apresentação em congresso]. *Décimo segundo Congresso Brasileiro de Terapia Ocupacional e Nono Congresso Latino-Americano de Terapia Ocupacional*.

Ministério da Saúde. (2020). *Diretrizes para diagnóstico e tratamento da COVID-19*. Ministério da Saúde. <https://portaldeboaspraticas.iff.fiocruz.br/atencao-mulher/diretrizes-para-diagnostico-e-tratamento-da-covid-19-ms/>

Neuroposturando [@neuroposturando]. (2020, setembro 14). *Modelo lúdico: uma abordagem do TO no brincar da criança com def. física* [Vídeo]. Instagram. Recuperado em 14 de setembro de 2020, In [https://www.instagram.com/tv/CFIxrW\\_lxdn/?igshid=ka51jqbt4isb14/09/2020](https://www.instagram.com/tv/CFIxrW_lxdn/?igshid=ka51jqbt4isb14/09/2020)

Pfeifer, L. I., & Stagnitti, K. (2020). Terapia Learn to play: desenvolvendo habilidades para brincar de faz de conta. In L. I. Pfeifer, & M. M. M. Sant'Anna (Orgs.), *Terapia ocupacional na infância: procedimentos na prática clínica* (pp. 400-420). Memnom.

Pfeifer, L. I., Queiroz, M. A., Santos, J. L., & Stagnitti, K. (2011). Cross-cultural adaptation and reliability of Child-Initiated Pretend Play Assessment (ChIPPA). *Canadian Journal of Occupational Therapy*, 78(3), 187-195. <http://dx.doi.org/10.2182/cjot.2011.78.3.7>

Sá, C. S. C., Pombo, A., Luz, C., Rodrigues, L., & Cordovil, R. (2020). Distanciamento social COVID-19 no Brasil: efeitos sobre a rotina de atividade física de famílias com crianças. *Revista Paulista de Pediatria*, 39, e2020159. <http://dx.doi.org/10.1590/1984-0462/2021/39/2020159>

Sant'Anna, M. M. M., & Ferland, F. (2020). Modelo lúdico: intervenção de terapia ocupacional para o brincar de crianças com deficiência. In L. I. Pfeifer, & M. M. M. Sant'Anna (Orgs.), *Terapia ocupacional na infância: procedimentos na prática clínica* (pp. 378-399). Memnom.

Sant'Anna, M. M. M. (Org.). (2015). *Instrumentos de avaliação do modelo lúdico para criança com deficiência física (EIP-ACL): manual da versão brasileira adaptada*. ABPEE/M&M.

Sposito, A. M. P., Santos, J. L. F., & Pfeifer, L. I. (2019). Validation of the revised knox preschool play scale for the brazilian population. *Occupational Therapy International*, 2019, 1-5. <http://dx.doi.org/10.1155/2019/6397425>

Stagnitti, K. (2020). *When all the toys got sick: explaining a pandemic to a 2 year old*. Learn to Play. <https://www.learntoplayevents.com/product/when-all-the-toys-got-sick-explaining-a-pandemic-to-a-2-year-old/>

Stagnitti, K. (2021). *Learn to play therapy: principles, process and practical activities* (2nd ed.). Learn to Play.

National Child Traumatic Stress Network (2020). *Parent/caregiver guide to helping families cope with the Coronavirus Disease 2019 (COVID-19)*. <https://www.nctsn.org/resources/parent-caregiver-guide-to-helping-families-cope-with-the-coronavirus-disease-2019>

**Contribuição dos autores:** As duas autoras contribuíram para a concepção do texto, organização de fontes, redação do texto e revisão.

**Recebido em:** 19/03/2021

**Aceito em:** 26/05/2021

**Publicado em:** 31/01/2022

**Editor(a):** Kátia Maki Omura